

Entrevista de Acácio Augusto
Revista Vaidapé

1 – O Black Bloc foi acusado de ser uma tática de manifestação antidemocrática, na nossa entrevista você comentou que os BBs não acreditam viver em uma democracia. São antidemocráticos? Por quê? Ser antidemocrático vai contra essa tática de atuação?

Uma coisa precisa ficar clara: a acusação por parte das forças do Estado e de certos intelectuais de esquerda à tática BB como anti-democrática não se sustenta. Eles são uma minoria que, em seus atos, expõe os limites da democracia que vivemos e seus exercícios autoritários por meio das forças policiais e da opinião na mídia de jornalistas e intelectuais. Trata-se de um julgamento moral que vê a democracia apenas como princípio de maioria e é insensível ao anúncio do intolerável, como a limitação e os controles na vida das cidades e as assimetrias e desigualdades perpetradas por bancos e instituições representativas. Tenta-se reduzir tudo à violência como valor negativo, de um lado, e a democracia como valor positivo, de outro. Penso que não se trata disso. É preciso considerar a violência modernamente monopolizada pelo Estado e os usos pouco democráticos das instituições representativas da democracia hoje. A tática BB não é violenta, ela não visa ferir pessoas. É preciso ter sensibilidade para notar o que leva alguns jovens, em todo Brasil, a se arrisarem de tal maneira diante da polícia; ao atacarem, seletivamente, bancos e prédios do governo. Buscar essa compreensão é mais importante do que o enfadonho jogo do contra e a favor, do democrático e anti-democrático, do violento e não-violento. Há, na disseminação dessa prática hoje no Brasil, a reativação de uma salutar prática democrática, colocada desde Thoreau, que é a *desobediência civil*. Antes de acusá-los de anti-democráticos, seria preciso esclarecer de qual democracia está se falando e qual democracia os praticantes da tática BB estão questionando.

2 – Os Black Blocs escolhem como forma de atuação a violência material, direcionada aos símbolos do capitalismo, patrimônio público e privado, mesmo afirmando ter consciência que esse ataque não prejudica o capitalismo. Se a princípio essa forma de atuar se define como anticapitalista, por que usar essa tática?

Não entendi a pergunta. No entanto, reafirmo que não se trata de violência, mesmo que se queira adjetivá-la como material, simbólica ou o que quer que seja. Uma prática não precisa de um sentido teleológico que a justifique. Desde a Revolução Francesa até hoje, quando se busca um sentido racional ou uma justificativa para o uso da violência ela sempre culmina em terror de

Estado. E esse é o risco sempre posto pela política moderna. Nesse sentido, a tática BB é, para mim, uma expressão da antipolítica. A luta contra o capitalismo não precisa ser a busca por um paraíso não-capitalista, ela pode ser uma forma de se posicionar hoje em combate permanente ao capitalismo. E mais urgente que o fim ou não do capitalismo para os que praticam a tática BB, é exposição agora do autoritarismo e das assimetrias de uma sociedade que todos acreditam ser livre e democrática, quando não é. Quantos *amarildos* a democracia brasileira já produziu desde o fim da ditadura civil-militar? Isso só se tornou uma questão nacional devido a onda de protestos iniciadas com as jornadas de junho e a aparição dos BB. Essa é a potência antipolítica do que vivemos hoje no Brasil, e isso deve ser entendido em direção a produção de liberdade como prática e não ser confinado aos julgamentos morais e perseguições policiais. A liberdade não é um valor, é uma prática. É preciso atingir, como um BB, os muros que confinam a vida na política moderna, é preciso quebrar esses muros para que seja possível outras formas de vida no presente, abandonando as velhas categorias de ação política e seu teatro de representações com atores e cenários.